

SÉRIE TRAJETÓRIAS 2010

Palestrante: José Maria Braga

Local: Rua da Lapa, 120 / 2º andar

Data: 13 de julho de 2010

Hora: 17:00

José Maria Braga

Boa tarde! Obrigado pela presença. Eu queria dizer que é uma honra receber esse convite da Academia Brasileira de Música para falar um pouco sobre a minha trajetória.

Quero falar um pouco sobre a importância que teve na minha formação a música na minha casa. Desde pequeno, a música sempre esteve muito presente em nossa vida – está aqui o meu irmão, Luiz Octávio Braga, que também é músico. Sempre tivemos essa presença da música na forma do canto. Minha mãe é uma cantora frustrada; ela sempre quis cantar e cantava muito bem. Eu me lembro que, nos finais de semana, nos sábados e domingos, quando nós podíamos dormir até mais tarde, ela entrava no quarto cantando em alto volume, justamente para acordar todo mundo. E ela cantava muito bem, afinada, mas a gente odiava aquele negócio porque ela entrava justamente para acordar todos nós... Mas a minha mãe sempre gostou muito de cantar e sempre cantou muito em casa e, também, ouvíamos muita música, tínhamos muitos discos em casa.

Eu sou da época do rádio. O rádio tinha uma importância muito grande e nós ouvíamos muito as programações do rádio. Eu me lembro de um programa chamado “A hora e a vez dos violões”, na Rádio Clube do Pará, e que era um programa apenas sobre violões. Ali ouvíamos Dilermando Reis e todos os grandes compositores de violão. Então, isso ia formando um pouco o nosso gosto musical.

Nasci em Belém do Pará e sou um paraense com muito orgulho. Tenho muito orgulho das coisas da minha terra. É um povo muito musical e o convívio também com as festas populares, com todos aqueles festejos marcou minha musicalidade: o Bumba-meu-boi, as festas de São João, as ladainhas, os blocos, todo aquele folclore nortista, aprendendo com as festas religiosas e profanas, ali brincando com os adultos e cantando tudo aquilo. A minha musicalização na verdade se deu nesse meio. A minha formação musical, a minha psiquê musical, na verdade, ela veio de todas essas influências que, mais tarde, eu vou acabar aplicando de certa forma, empiricamente, na minha vida com relação à educação. Recebi todas essas influências e eu lembro que mais tarde o meu irmão Luiz foi talvez o primeiro de nós – somos cinco irmãos e nós dois somos os únicos músicos na família – que muito cedo começou a estudar violão com um professor lá em Belém. Na verdade, eu tinha uma facilidade de tirar todo tipo de música no assovio. Eu assoviava e a minha avó dizia que eu ficava assoviando e ia ficar de cabeça grande de tanto assoviar - era uma coisa já tendendo para o instrumento de sopro. Eu gostava de cantar também, mas tinha muita facilidade de pegar as coisas de ouvido.

O Luiz tocava violão e eu, na maioria das vezes, cantava ou, quando não cantava, assoviava, tocava pente ou então transformava brinquedos em instrumentos sonoros. Com oito para nove anos eu tinha uma voz muito aguda – a criança geralmente tem uma voz muito aguda – e me lembro que tinha um revólver de plástico que eu o transformei em um trompete. Ele tinha uma mola e eu quebrei o revólver de tal jeito que dentro a mola vibrava e eu então imitava o som de

trompete. Ele tocava violão e eu ficava fazendo uns solos de trompete na boca do revólver e aí a gente se divertia. A gente usava o revólver como instrumento musical.

Mais tarde, por uma questão de escolha da minha mãe – minha mãe era funcionária pública e meu pai também - ela veio para o Rio de Janeiro e depois nós viemos. Essa mudança para mim foi uma mudança do ponto de vista cultural muito forte. Eu estava fazendo quatorze anos de idade, então, foi uma fase difícil porque eu estava rompendo com muitas coisas: com cheiros, gostos, com as flores, a maneira de tratar e isso foi um pouco difícil, inclusive eu tive que me acostumar com a maneira de tratar das pessoas, a usar o “você”, que para mim era um negócio muito difícil, porque para nós o “você” é quando se tem certa cerimônia com a pessoa. Aqui eu tive que me adaptar porque o “você” é usado quando você não tem nenhuma cerimônia com a pessoa. Lá nós usamos o “tu” quando se tem certa liberdade com a pessoa, então, era tudo o inverso e até aprender isso, reaprender isso: a comida, as pessoas, era tudo muito grande, muito difícil e foi uma adaptação muito complicada. Essa adaptação, na verdade, só se deu de uma forma melhor quando nós fomos morar em Botafogo, um bairro aqui da Zona Sul do Rio de Janeiro, e fizemos amizade de rua. Era a época dos festivais estudantis, época da musica de protesto, era um momento que tinha muito festival escolar. Luiz já tocava violão e o Afonso e o Alexandre, que eram amigos de rua, resolveram participar de alguns festivais estudantis e como o Luiz tocava violão e eu, pretensamente cantava, acreditem, eu era o cantor do grupo! Nós começávamos a compor para participar dos festivais. Na verdade, nós nem éramos alunos da maioria das escolas que estavam nos festivais, nós apenas oferecíamos nossos serviços e acabávamos entrando e dávamos a parceria, assim, fizemos festivais em Petrópolis e tal e eu cantando.

Certo dia, o Afonso Machado resolveu estudar bandolim, eu tinha uns dezesseis anos, e ele quis formar um grupo: Luiz no violão, Afonso no bandolim. O Afonso era um cara muito medroso, continua medroso até hoje, mas no bom sentido. Ele tinha arrumado um professor de bandolim e ele virou-se pra mim e disse assim:

- Zé, você vai comigo, porque eu não conheço o professor de bandolim, então, vai comigo para fazer companhia.

Eu disse:

- Eu vou te fazer companhia? Eu vou ficar olhando você ter aula de bandolim? Eu vou fazer o quê? Vai ser igual vela de namoro, tu vai ficar namorando e eu vou ficar segurando a vela?

Ele disse:

- Eu tenho um bandolim em casa que posso te emprestar.

Era um bandolim quebrado, meia-cuia, tal, então eu disse:

- Me empresta e vamos lá.

Começamos a ter aula com um professor chamado Eupídio Pereira de Farias, ele era violinista e dava aula de bandolim e, assim, eu passei a ter aulas de bandolim e cheguei a tocar bandolim. Na formação do grupo, o pai do Afonso também tocava violão, Dr. Raul Machado, mas não podia ter dois bandolins no grupo e iam precisar de uma flauta, então eu me candidatei a estudar flauta, porque eu estudava qualquer negócio. Ganhei uma flauta de presente e fui estudar flauta com a professora Maria do Carmo Costa, ela era flautista do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, uma pessoa maravilhosa e eu tinha aula particular na casa dela. Naquela época eu pagava cinquenta cruzeiros ou cinquenta reais, eu não me lembro mais qual era a moeda do momento, mas lembro que a minha mãe fazia uma certa dificuldade para pagar aquela aula

semanal. Então, eu comecei a estudar flauta com a professora Maria do Carmo e, ela, vendo o sacrifício - às vezes eu ia de quinze em quinze porque ficava caro – percebendo, disse assim:
- Eu vou te levar para a Escola de Música Villa-Lobos.

Ela me levou para a Escola de Música Villa-Lobos e infelizmente ela veio a falecer seis meses depois num acidente horrível na praia de Copacabana: tomando sorvete, um carro subiu à calçada e ali eu perdi minha professora, realmente uma pessoa maravilhosa. Passei a ter aula com o professor Celso Woltzenlogel e fiquei algum tempo com ele estudando flauta na Escola de Música Villa-Lobos. Em seguida, tive a felicidade de ter na direção da escola o maestro Aylton Escobar que promoveu uma grande revolução na escola e nos incentivava a fazer música. Ele achava que música se aprendia fazendo, claro que fundamentando também, mas necessariamente se precisava exercer a música, fazer música. Nessa época, o grupo estava se amalgamando, chamava “O pessoal de Botafogo”. A gente tinha umas rodas, uns saraus, que naquela época se fazia muito, e tínhamos a presença do Paulinho da Viola, algumas vezes, do Abel Ferreira, grande músicos que iam a esses saraus e, realmente, para nós era uma verdadeira aula com os grandes mestres do choro, eram grandes instrumentistas, grandes músicos, enfim. Nessa época, então, nós formamos o conjunto “Galo Preto”, do qual eu faço parte até hoje, que tem trinta e cinco anos de estrada, e eu acabei tocando flauta de fato. É muito curioso que nessa história toda, começamos a tocar e eu fui conhecer uma pessoa muito importante na minha formação, na formação do pensamento, nessa questão da educação, questão do social, que foi a professora Cecília Conde que está aqui e que é culpada de muita coisa.

Em um projeto da Secretaria de Estado de Cultura, que tinha um nome até meio estranho, se chamava “Pacotes culturais”, eles estavam dando oportunidade aos grupos que estavam surgindo junto com grupos de excelência, como o quinteto Villa-Lobos e outros tantos. Então, nós fizemos uma excursão pelo Rio de Janeiro, viajamos muito por esse Estado com esse projeto “Pacote cultural”. Era o “Galo Preto” em uma semana, na outra semana chegava o Quinteto Villa-Lobos e o que era muito interessante é que mostrava o “Galo Preto” de repente tocando Ernesto Nazareth, tocando sarambeque e na outra semana vinha o “Quinteto Villa-Lobos” com uma roupagem completamente diferente, com quinteto de sopros, tocando Ernesto Nazareth. Enfim, acho que as pessoas que assistiam isso, não sei se se davam conta da riqueza e da enorme possibilidade que aquela música oferecia. Vinha um conjunto popular, depois um conjunto de uma origem camerística, músicos de uma formação da música erudita com músicos de uma formação popular e isso foi uma coisa muito importante.

Na verdade, assim eu fui me profissionalizando, tocando, e em 1978 nós gravamos o nosso primeiro disco, o “Galo Preto”, e ali eu tive a oportunidade de tocar com grandes mestres como o Copinha, o Legui Siqueira que depois veio a ser meu professor na UFRJ e aí comecei, na propriamente dita, vida profissional como músico. O curioso é que, quando fui para a universidade já tinha algum tempo na estrada. Quando fui para a universidade eu já tocava e já tinha viajado bastante, então era meu desejo realmente aprofundar meus conhecimentos musicais fazendo a universidade, o que foi muito bom. Aprendi coisas boas, coisas que se deve fazer e coisas que não se devem fazer. Aprendi o lado bom e o lado azedo da academia, da escola. Saber misturar esses dois lados é uma coisa muito difícil e eu não sei se aprendi.

Na universidade, tive a oportunidade de trabalhar e de fazer alguns projetos com a assistência do professor Roberto Duarte. Eu estudei com o professor Roberto Duarte, com o Henrique Morelenbaum, Ronaldo Miranda, enfim, grandes mestres, professor cheguei a fazer uma

cadeira da História da Música com o professor Ricardo Tacuchian e tive a oportunidade de ter contato com esses grandes professores. Durante a faculdade eu tinha que trabalhar e não pude deixar de tocar. Eu fui fazer um trabalho na área social, convidado mais uma vez pela professora Cecília Conde, de cultura dentro da escola. Era o momento da descoberta dos CIEPs, a questão dos CIEPs, e eu, pretensiosamente, cheguei à Cecília Conde e disse assim:

- Eu só me interessava a trabalhar se fosse na Baixada Fluminense e numa área de ocupação de terra.

Eu queria experimentar essa coisa e fui trabalhar num CIEP em Nova Aurora, uma área muito conflituosa de ocupação de terra, era um mutirão enorme e ali eu tive a oportunidade de, talvez, ter um aprendizado que nenhuma universidade pode nos dar, que é o de conhecer a necessidade das pessoas, de botar à prova realmente como a cultura é importante. Pude constatar que a educação, a escola formal, está tão desconectada da vida cultural das pessoas, e esse era o nosso grande embate, trazer para dentro da escola o universo cultural daquelas pessoas que estavam ali com as histórias mais diferentes, porque tinha gente de tudo quanto é canto, tinha gente do Norte, do Nordeste, tinha gente do próprio Rio de Janeiro, mas também, de certa forma, sem ter um espelho para ver a sua própria imagem.

A gente tinha a pretensão de revolucionar a educação trazendo para dentro dela os anseios culturais daquela gente e acho que conseguimos fazer muita coisa. Foi um projeto muito combatido, muito criticado de uma forma que eu entendo até como uma forma maldosa e, talvez, a última grande oportunidade que a gente teve de revolucionar a educação nesse país trazendo a maneira do olhar das pessoas para dentro da escola. Uma das coisas que constatei e que é muito arraigado nas pessoas o próprio preconceito que elas tinham contra elas mesmas. Várias vezes eu vi a própria servente, que também fazia parte daquela comunidade, maltratando um menino que era da própria comunidade, mas que na verdade ela nem sabia direito porque ela estava maltratando. Eu acho que era um hábito, simplesmente.

Eu tive que subir morro muitas vezes para negociar com traficante para não fechar a escola. A gente tinha essa capacidade de conseguir conversar com o traficante porque a gente fazia música, a gente fazia arte e a arte não tinha bandeira nenhuma.

Eu me lembro que uma vez ingenuamente subi o morro para fotografar a comunidade com uma máquina fotográfica poderosa e fui chamado a atenção porque o sujeito do movimento tinha ficado preocupado porque eu estava fotografando a comunidade. Eu nem me toquei que aquilo realmente era muito perigoso. Uma turma que jogava capoeira na quadra da escola me levou para conversar com o sujeito e eu disse:

- Eu sou professor da escola, faço animação cultural aqui na escola, não tenho nenhum problema com você. Estou apenas fazendo isso para mostrar para as crianças como tem coisas bonitas, como o bairro é bonito quando você olha de cima, como tem coisas bonitas, mostrar de outro ângulo bom e tal.

O cara entendeu e nunca me perturbou.

Esse aprendizado, esse contato que eu tive com a educação propriamente dita foi para mim muito importante porque eu estava ainda na universidade, continuava tocando, tocava na noite, fazia animação cultural e curso na universidade. É verdade que algumas vezes nos meus trabalhos – Morelenbaum que o diga – tinha dias que eu tocava até as três horas da manhã e no

dia seguinte tinha aulas às sete com o Morelenbaum. Volta e meia eu fazia umas quintas seguidas, uns cruzamentos impraticáveis.

Eu dizia:

- Eu toquei ontem até as três da manhã e eu estou ainda meio sonado.

Ele respondia:

- No meu tempo também a noite e o dia tinham mais de vinte e quatro horas, tinham quarenta e oito horas, e eu tocava na noite também, e eu tinha que trazer os trabalhos apontados.

Nunca deixei de fazer muitas coisas, tanto a questão da educação como a questão de continuar tocando. Tive que trancar a faculdade porque viajei para o México com o “Galo preto”. Tranquei por um período, mas essas experiências, mais tarde elas vieram a se mostrar muito importantes quando eu tive a oportunidade de dirigir a Escola de Música Villa-Lobos. Na verdade, quando fui convidado a dirigir a Escola de Música Villa-Lobos, eu sabia que eu, aliás, como todos os meus alunos do Conservatório Brasileiro de Música – eu fui professor do Conservatório Brasileiro de Música durante muito tempo e depois não conseguia mais dar conta de tanta coisa e, então, tive que me dedicar muito à Escola, a Cecília ficou um pouco enciumada comigo por conta dessa dedicação, mas é uma escola que tem um significado para mim muito importante. E ela tem também uma importância no Estado do Rio de Janeiro e que, infelizmente, o Estado ainda não enxergou a importância que essa escola tem. Infelizmente, apesar de todos os meus esforços, apesar de todas as parcerias que a escola tem feito, apesar do apoio que a Academia Brasileira de Música sempre tem me dado, apesar das defesas que o Maestro Edino Krieger, em várias oportunidades, fez da escola. Na minha gestão, nos momentos que foram necessários, eu tive a ajuda e a presença dessas pessoas e dessas entidades e do próprio Conservatório.

Quando fui dirigir a escola eu quis levar toda essa experiência da minha vida em Belém, do contato com as questões populares, com as festas, da questão do fazer da música, a importância do Aylton Escobar que deixou na gente uma semente muito importante, a questão da animação cultural, de trazer para dentro da escola a cultura popular e de fazer também com que a escola saísse de dentro dela e fosse para a rua. Eu sempre dizia para os professores que era importante não ficar enclausurado dentro da sala de aula. Era uma questão política, de sobrevivência, mostrar o que a escola produzia e para que isso fosse mostrado, nós tínhamos que mostrar que realmente as crianças podiam fazer música, que é possível fazer música mesmo com pouco apoio, mas é possível fazer e temos mostrado isso.

Nós temos uma média de dois mil e quatrocentos alunos na escola hoje, temos sete núcleos no interior do Estado com pouquíssimo apoio, só com o nosso desejo. O nosso desejo consegue ir longe, mas ele poderia ir muito mais longe se tivesse os apoios todos.

Algumas pessoas na universidade foram importantes para mim, como o maestro Roberto Duarte, que foi um amigo, às vezes até fazendo papel de pai que sempre me incentivou, sempre compreendeu todas as dificuldades que eu tinha e sempre procurou me ajudar muito.

Eu tenho procurado trazer para a minha vida toda essa experiência. O “Galo Preto” é o grupo no qual, na verdade, eu mais tenho exercido a questão do músico como instrumentista. Nós gravamos oito discos e todos muito bem recebidos pela crítica. O primeiro disco foi em 1978, depois fizemos um disco em 1981 e em 1992. Fizemos cinco discos só de música instrumental, gravando e procurando nunca regravar, mas fazer as gravações, mostrando que o choro tem

uma capacidade enorme de evoluir e de formas diferentes. Depois, fizemos três discos de homenagem ao Nelson Cavaquinho, Cartola e, enfim, o “Galo Preto” tem aí trinta e cinco anos de história.

Procurei, também, trazer para dentro da Escola de Música Villa-Lobos essa coisa de você aprender a música pela música e deixar a opção para o aluno daquilo que ele vai querer fazer. Se ele vai querer fazer música de concerto, se ele vai querer fazer música popular, mas dar para ele a linguagem e deixar que ele faça a opção daquilo que ele vai fazer. A Escola não é vista como uma escola de música popular, a Escola tem uma orquestra sinfônica, tem grupos de música popular, então, é uma escola bastante plural nesse sentido. Temos ricos, pobres, remediados, enfim, é uma escola realmente bastante aberta.

Depois do meu curso de graduação, eu me graduei em regência, em 1990, eu dirigi o coro do Centro de Ciências de Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Fundão, em um projeto que previa colocar um coro em cada setor da universidade. Na matemática tinha a Maria José Chevitarese; ela já era professora da universidade. Na arquitetura tinha também um coral e eu era responsável pelo coro do Centro de Ciências de Saúde. Fiquei lá durante dois anos e foi mais o menos o tempo em que o projeto durou. Eram corais universitários e, infelizmente, não foi adiante. O único coro que teve possibilidade de ir adiante foi o coro da professora Maria José que era do Departamento de Matemática da Universidade. Como todos os projetos, eles têm uma duração muito curta e então ficamos lá dois anos.

Depois fui convidado para dirigir o coro da Universidade Gama Filho por dois anos e meio. Infelizmente, por questões econômicas, com a perda da filantropia, as universidades perderam muito e houve um corte e, evidentemente, os primeiros cortes são feitos sempre no setor cultura. Então, fui substituído, colocaram outra pessoa para dirigir o coro e um ano depois o coro acabou. Infelizmente não há mais um coro tradicional, um coro de importância no Rio de Janeiro, porque numa Universidade como a Gama Filho isso jamais poderia ter acabado, como todo o setor de cultura da Gama Filho também acabou. Lá tinha um setor de dança folclórica, tudo isso acabou, mas tive essa rica experiência lá e fiz um trabalho considerado bom à frente do coro da universidade.

Depois, fui vice-diretor do Seminário de Música da Pró-Arte e estou agora à frente da Escola de Música Villa-Lobos, já há dez anos. Estou virando diretor profissional.

Espero, muito em breve, resolver os problemas que a gente tem para resolver junto ao Conselho Estadual de Educação e espero, finalmente, fechar o meu tempo na Escola de Música Villa-Lobos e passar a bola porque a fila tem que andar e eu não quero terminar como diretor profissional da Escola de Música Villa-Lobos. Acho que já dei um tempo mais do que suficiente para a burocracia. Eu estava conversando com o Turibio Santos que a burocracia é um negócio que se você deixar ela te emburrece. É um negócio ter que lidar com ela todo dia, principalmente essa burocracia de Estado, é um negócio que é para não dar certo. É um negócio que atenta contra você o tempo inteiro, as coisas são difíceis de conseguir, você tem que ficar ruminando aquele negócio. Você mata um leão e no dia seguinte ressuscitam dois. Você acha que era um e eram dois e ainda aparece um terceiro, é um inferno que não acaba nunca.

Nesses dez anos, deixei de lado muitos dos meus projetos, muitas coisas que eu tinha e tenho desejo de fazer ainda como músico, como compositor. Eu também me aventuro fazendo música

para teatro. Meus dois últimos trabalhos, um está em cartaz, ainda, que é “A alma imoral”, cuja adaptação é da minha esposa que está aqui, e está há quatro anos e meio em cartaz e agora está em São Paulo. Eu tive a oportunidade de fazer a música desse espetáculo como fiz também a música do espetáculo “Um boêmio no céu”, do Catulo da Paixão Cearense. Foi uma experiência muito gratificante com o Antônio Pedro e o José Maia, com direção do Almir Haddad. Sempre procuro nesses trabalhos que faço utilizar um processo educativo com músicos que são amadores, que estão em processo de formação. No caso de “Um boêmio no céu”, eu utilizei três meninos do curso técnico da Escola de Música Villa-Lobos, um clarinetista, um violão de sete cordas e um cavaquinista. O Catulo fazia música regional. O clarinetista está hoje terminando o curso dele de graduação na UFRJ e isso muito me orgulha porque na verdade é um impulso enorme. O cavaquinista é muito carinhoso. Ele é professor da Pró-Arte hoje, e eu fui ver lá no currículo dele e está lá: professor José Maria Braga. É muito gratificante você ver um aluno que, de repente, vira um colega e isso não tem preço. Isso eu aprendi nos projetos sociais.

No Conservatório Brasileiro de Música, fiz um projeto junto com professora Cecília Conde com o patrocínio do Banco Interamericano do Desenvolvimento e a Prefeitura. Durante seis anos nós desenvolvemos um projeto chamado “Tocando a vida”. Nós trabalhávamos com as crianças das comunidades ali do Morro da Serrinha, enfim, só nos lugarezinhos tranquilos que a gente ia. Nos finais de semana, os professores eram escolhidos a dedo porque tinham que conhecer os fundamentos da música eram, geralmente, professores que saíram da UNIRIO, da UFRJ, mas que também tinham o domínio da música popular, isso era muito importante porque a linguagem daquelas crianças eram todas de música popular. Muitos desses meninos se profissionalizaram, tem um que é professor do Conservatório Brasileiro de Música e faz parte da Camerata do Conservatório e começou com a gente, lá em Madureira, na quadra da Portela.

Acho que, quando você acredita no que você faz, quando você tem certeza daquilo que você está dizendo, você pode dar aula até debaixo de uma mangueira, debaixo de um temporal, o importante é o aluno acreditar naquilo que o professor está dizendo e o professor acreditar naquilo que ele está dizendo. Acho que isso move montanhas.

Durante seis anos fizemos uma orquestra que se chamava “Orquestra Jovem de Cordas” e viajamos, fomos para São Paulo, tocamos com esses garotos, eram vinte e cinco garotos e tinha uma menina – era um problema administrar isso. A menina era bonitinha toda a vida, tinha dezesseis anos, e eu ficava segurando aqueles caras, aqueles garotos todos. Eu me lembro que fomos para São Paulo e eu disse:

- Cecília, eu vou para São Paulo com esses caras e isso vai ser um inferno.

Ela disse:

- Vamos levar os pais, vamos levar as mães.

Então, levamos as mães. Na verdade, foi um pai e três mães que viajaram com a gente e tomaram conta dos garotos, porque os garotos eram terríveis e essa menina não seguiu carreira, enfim, não enveredou para o lado da música, mas se formou em Direito. Hoje é uma advogada e, certamente, essa experiência para ela deve ter sido muito importante, como na minha infância foi muito importante essa experiência da questão do cantar.

Vou contar uma passagem da minha infância. Havia uns programas de calouro, na Rádio Marajoara, de Belém do Pará - eu tinha uns sete anos e era a minha avó que levava a gente para fazer aula de catecismo e eu fugia de todas. Eu não fiz Primeira Comunhão. Eu tenho certo

problema com essa questão de religião, me desculpe quem for religioso, mas eu tenho um certo problema com essa questão, eu só gostava de cantar aqueles hinos, fazer bagunça, ir para as festas, para as quermesses, as coisas da igreja, das festas eu gostava de todas. A minha mãe dizia que eu sempre era o último a chegar em casa. Quando ela ia fazer a contagem dos cinco irmãos – tinha que contar todos os dias para ver se estavam todos ali – sempre estava faltando um e esse que estava faltando sempre era eu. Quando eu chegava, ela me dava umas broncas. Então, a minha avó me levava para as aulas de catecismo e levava para essas coisas também: programas de rádio – ela gostava muito de ouvir rádio – e nos inscrevemos em um programa de calouros da Rádio Marajoara. Eram várias eliminatórias e fomos passando, eu e o meu irmão Luiz que está aqui e que não vai me deixar mentir. Fomos e fomos e fomos e fomos e fomos os dois para a final e aí, como eram dois irmãos, eles disseram assim:

- Dois irmãos na final não vai ficar bom, pode alimentar a rivalidade entre os dois irmãos.

Então, nós dividimos o prêmio do primeiro lugar. Engraçado que o primeiro prêmio era uma gravata. Ele ganhou uma gravata de bolinha e eu ganhei uma gravata amarela que eu exibia com o maior orgulho. Tenho um irmão mais velho que é um palhaço e que me vendeu um paletó, porque ele estava duro e queria ir para o cinema.

Ele disse:

- Meu irmão, tem um paletó para você usar com essa gravata que você ganhou...

E ele sabia que eu ia usar a gravata com o maior orgulho. Era uma gravata de elástico. Ele me vendeu aquele paletó e eu usava aquele paletó com aquela gravata...

Essa questão do cantar me marcou muito, acho até que eu deveria arriscar, talvez eu ganhe algum dinheiro. Os cantores é que ganham dinheiro, os músicos não ganham, então, quem sabe eu cantando consiga fazer um pé de meia.

Outra coisa que eu queria dizer, agora saindo do lado da brincadeira, mas isso foi muito importante, isso também faz parte da minha formação, a questão do rádio, a questão das brincadeiras, a questão das festas populares. Eu lembro quando a primeira televisão chegou na rua da minha casa, eu lembro que umas brincadeiras começaram a rarear porque tinha a televisão, então, todo mundo queria ver televisão e isso realmente foi um marco. A televisão tirou a gente das brincadeiras na porta de casa, ela meio que idiotiza a gente mesmo. A gente fica ali em frente da televisão e o mundo lá fora está acontecendo.

Para finalizar quero dizer é que todo esse caldeirão de coisas que se passaram, a minha vinda para o Rio, a minha adaptação difícil, ela só se tornou possível - eu tive muita dificuldade na escola, minha mãe arrumou uma escola para mim na Ilha do Governador, depois eu fui estudar no Méier - porque a música me reintegrou de novo. Quando eu comecei a fazer música com os meus parceiros, ela realmente foi um canal que abriu para que eu pudesse me sentir importante dentro do grupo. Na verdade, a música me deu uma voz novamente e, a partir do fazer a música, todas as coisas que ficaram para trás, toda essa distância cultural – se hoje culturalmente Belém é muito diferente do Rio de Janeiro, imagina isso há quarenta anos? Há quarenta anos eram enormes as diferenças. A música é que me possibilitou juntar tudo isso de novo.

Tenho absoluta certeza de que o meu grande terapeuta, na verdade, o meu grande psicólogo, foi a música. Isso para mim talvez tenha sido o maior aprendizado, porque quando eu vou para a escola, porque eu sei que eu tenho na escola um número de crianças que tem problemas muito

mais sérios do que o meu, eu sei que a música tem uma importância para desobstruir esses canais.

É uma pena que a escola hoje não esteja preparada ainda. Nós trabalhamos apenas no campo da intuição, no campo de possibilidades que essas crianças tenham uma forma de comunicação, uma maneira delas se posicionarem, dizerem alguma coisa que não é com palavras, mas é se expressando através da música. A gente sabe que muitos canais ali são desobstruídos. É uma pena que na escola eu não tenha estrutura para oferecer um apoio mais sólido para essas crianças que a gente vê. Você não precisa ir muito a fundo, você olha e percebe quais são os problemas que tem ali. Como a música operou muita coisa dentro de mim, desobstruiu muita coisa.

As pessoas perguntam por que eu fico tanto tempo na escola, há dez anos com todos esses problemas, não ficando rico, não roubando, não fazendo nada de errado, só trabalhando, só dando encrenca...

Na verdade eu acredito naquela escola, como eu tenho a certeza que a maioria dos professores que lá estão também acreditam e como os alunos que estão nela também acreditam. É preciso que mais gente que não está ali também acredite que ela é capaz de operar esse milagre, que ela é capaz de fazer essas coisas, de desobstruir muita coisa. Toda essa experiência, na verdade, eu tenho tentado levar para a escola, porque eu sei que ela é importante, que ela tem um papel que poucas escolas no Rio de Janeiro têm, porque a escola tem uma clientela muito específica e ela faz um trabalho muito específico. Acho que essa experiência eu tenho procurado passar para os professores e espero que realmente depois de mim a pessoa que sentar naquela cadeira acredite naquilo que está fazendo, que não vá usar o cargo como trampolim para qualquer outra coisa. Eu não fiz isso, não quero fazer isso, não vou fazer isso, mas acho que o meu tempo termina e eu saio com a sensação de dever cumprido, com a sensação de que realmente eu dei o melhor pedaço de mim para aquela escola.

Eu queria agradecer a presença de vocês. Muito obrigado.